

## ELEIÇÕES

# SP ainda emperra acordo de PT e PSB

Dirigentes dos dois partidos manifestam vontade de enfrentarem juntos a campanha, mas têm que decidir se lançam Haddad ou França ao Bandeirantes

» JORGE VASCONCELLOS

Dirigentes do PT e do PSB reuniram-se, ontem, em Brasília, para aprofundarem as discussões sobre uma aliança dos dois partidos na eleição presidencial e nos estados. Mas ainda persiste o impasse em torno de qual das legendas vai disputar o governo de São Paulo.

O encontro teve a participação da presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PT-PR); do presidente do PSB, Carlos Siqueira; do governador de Pernambuco e vice-presidente do PSB, Paulo Câmara; do deputado Paulo Teixeira (PT-SP), secretário-geral do partido; e do ex-governador de São Paulo Márcio França (PSB) — que deixou o encontro reafirmando sua pré-candidatura ao governo paulista, enquanto Gleisi reforçou a postulação do ex-prefeito Fernando Haddad ao Palácio dos Bandeirantes.

“Sou candidato, claro. Cada partido tem todo o direito de ter os seus candidatos. Agora, para uma eleição nacional, os partidos têm que decidir qual candidato amplia mais a base de apoio”, enfatizou França.

Gleisi admitiu que há dificuldades para uma composição em São Paulo, mas disse acreditar na construção de um consenso em torno de um único nome do campo progressista na disputa ao governo do estado. Ela, porém, rechaçou o argumento do grupo de França de que as pesquisas de intenção de voto devem ser o principal critério para a definição do candidato ao Bandeirantes. Segundo levantamentos recentes, Haddad enfrenta altos índices de rejeição, o que pode representar um risco de derrota no caso de ele ir para o segundo turno.

“O critério não será só para São Paulo, tem que ser para o Brasil inteiro, desde a definição

Ascom/PSB



Câmara, Siqueira, Gleisi e Teixeira não têm uma fórmula para desfazer o impasse paulista



**O PT entende que uma candidatura do Haddad é essencial. O PSB entende que a candidatura do Márcio é importante. Temos que chegar a um denominador**

*Gleisi Hoffman, presidente do PT*

das candidaturas e da formação das chapas. Paralelamente ao esforço de construir a federação, vamos fazer as conversas com os estados que nós queremos estar juntos, com federação ou sem federação. Queremos estar juntos na campanha nacional”, disse.

A presidente do PT anunciou que o partido fará uma rodada de reuniões nos estados para definir, com outros partidos de esquerda, a formação das chapas locais. “Vamos marcar uma reunião em São Paulo. O PT entende

que uma candidatura do Haddad é essencial, é viável. O PSB entende que a candidatura do Márcio é importante. São dois grandes quadros políticos, que têm experiência de gestão, têm experiência política. Temos que chegar a um denominador”, apontou Gleisi.

## Consensos

Sobre a disputa pelo governo do Rio de Janeiro, Gleisi enfatizou que o PT não chegou a ter a

intenção de lançar candidato e fechou questão no apoio à candidatura do PSB, que é representada pelo deputado Marcelo Freixo. O partido também deve desistir de pôr um nome na disputa do governo do Espírito Santo, onde o governador Renato Casagrande (PSB) disputará novo mandato.

Já Siqueira destacou que o PSB está fechado no apoio à candidatura do senador Jaques Wagner (PT) ao governo da Bahia. Em Pernambuco, a tendência é de que o senador Humberto Costa (PT-PE), que lançou a pré-candidatura ao governo do estado, desista da disputa em favor de um nome dos socialistas.

Gleisi ressaltou que o PT sempre abriu mão da disputa em Pernambuco em favor do PSB. Ela explicou que o nome de Costa só foi apresentado depois que o ex-prefeito de Recife Geraldo Júlio (PSB) não aceitou ser candidato. Por sua vez, Siqueira assegurou que o PSB terá candidato no estado.

# Ciro se lança inspirado em Brizola

» TAÍSA MEDEIROS

O político gaúcho Leonel Brizola, fundador do PDT, completaria 100 anos de vida amanhã. Em comemoração à data, o PDT lança, hoje, na convenção da legenda em Brasília, a candidatura de Ciro Gomes à Presidência das Repúblicas — um personagem da política que, para muitos petetistas, tem inúmeras semelhanças com Brizola.

Na última quarta-feira, Ciro adiantou em seu Twitter que o lema da campanha ao Palácio do Planalto será “a rebeldia da esperança”. A campanha sob o comando do ex-marqueteiro do PT João Santana busca classificar o candidato do PDT como uma pessoa indignada com os rumos do país e que tem propostas de desenvolvimento dentro de uma lógica eminentemente nacional.

Para o deputado federal Mário Heringer (PDT-MG), esta é a grande semelhança de Ciro com Brizola. “As pessoas que não o conheciam achavam que ele era briguento, assim como nosso companheiro Ciro Gomes é visto hoje. Ambos são assim por não aceitar as coisas do jeito que são, por remarem contra a maré”, explica o parlamentar.

## Pontos comuns

A afinidade com as ideias do partido, bandeiras que desde os tempos de Brizola eram defendidas, é o que mais aproxima Ciro do fundador do PDT na visão da deputada federal Flávia Moraes (GO). “Por mais que tenha vindo de outra vivência político-partidária, Ciro tem muita coerência com as bandeiras que o PDT defende. Ele faz isso com muita naturalidade”,

Barbara Cabral/Esp. CB/D.A. Press



Petetistas consideram que as preocupações de Ciro são semelhantes às que moviam Brizola

## CIEPs deram ênfase à cultura e à educação

O primeiro mandato de Leonel Brizola no governo do Rio de Janeiro, de 1983 a 1987, foi marcado por uma ênfase especial à cultura e à educação. É dessa época a criação do Sambódromo da Marquês de Sapucaí, que passou a abrigar o desfile das escolas de samba — antes realizados na Avenida Presidente Vargas. O projeto de Oscar Niemeyer incorporava os chamados Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), idealizados por Darcy Ribeiro, então vice-governador. A parte de baixo das arquibancadas abrigaria um grupo de escolas nas quais os alunos da educação pública estudariam em horário integral.

Teriam, ainda, acesso a métodos especiais de aprendizado, alimentação completa supervisionada por nutricionistas, prática de esportes e de leitura, além de tratamento odontológico. Os CIEPs tornaram-se, no primeiro governo Brizola, as escolas-padrão de todo o estado.

analisa. Para ela, o partido mantém vivo o nome de seu fundador por conta também dessas bandeiras.

O também deputado Wolney Queiroz (PDT-PE) destaca que

enxerga em Ciro a apresentação do legado de Brizola para as novas gerações de eleitores. “Sinto muita sintonia e verdade no que Ciro repete e prega. Ele mantém

a chama viva”, garante.

Queiroz conviveu com Brizola, e o que mais lhe chamava atenção nas palavras do engenheiro — como os admiradores chamavam o ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro duas vezes — era o amor que ele tinha pelo Brasil. “O que mais se destacava em Brizola era o amor verdadeiro pelo Brasil, e uma indignação genuína com a desigualdade do país”, ressalta.

Mais do que um legado para o PDT, o deputado Félix Mendonça Jr. (BA) acredita que Brizola é um marco para todos os brasileiros por causa da luta pela educação. “Se o país tivesse uma boa educação, seria capaz de escolher melhor seus governantes. Brizola sempre defendeu a mudança, a educação de qualidade, de tempo integral, que é a maior riqueza de todos”, lembrou.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



## Quem é o adversário principal para Lula? Moro ou Bolsonaro?

Numa campanha eleitoral, quem está na frente e/ou logo atrás se atacam mutuamente. Isso não define para ambos, porém, quem é realmente o inimigo principal. Na corrida pelo voto, essa equação é um jogo no qual a intuição do candidato, às vezes, vale mais do que as pesquisas eleitorais de ocasião. Por isso, é muito cedo para saber se o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva errou ao chamar de “canalha”, e para a briga, o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro, responsável principal por sua condenação na Operação Lava-Jato. Terceiro colocado nas pesquisas, atrás do presidente Jair Bolsonaro, o ex-juiz não deixou por menos e partiu para cima de Lula no Twitter: “Canalha é quem roubou o povo brasileiro durante anos...”

Motivos não faltam para a atitude de Lula: (1) deixou-se levar pelo fígado, afinal passou 580 dias em preso em Curitiba depois de condenado pelo juiz; (2) resolveu confrontar Moro para testar sua reação e sondar a repercussão nas redes sociais; (3) já considera Bolsonaro uma carta fora do baralho e teme que Moro chegue ao segundo turno. Todas as alternativas podem ser verdadeiras.

Ex-assessor de imprensa de Lula, no seu *Balaio*, o jornalista Ricardo Kotcho tripudia dos que ficam dando palpites sobre a campanha de Lula, dentro da campanha e fora dela, inclusive na mídia: “A medida que se amplia a vantagem de Lula sobre os demais candidatos em todas as pesquisas, sinalizando para uma vitória já no primeiro turno, aumenta o número de assessores voluntários que querem dar palpites no rumo da sua campanha, apontando o que ele deve ou não fazer.”

Entram nesse balaio, segundo Kotscho: “Cientistas políticos tucanos, colonistas lavajatistas, economistas da Faria Lima, da Bolsa de Valores, da PUC, da USP e da Unicamp, dirigentes sem expressão e sem votos do PT, pregadores da Praça da Sé, motoristas de táxi, ex-BBB, comentaristas da GloboNews e até ilustres membros do Centrão e da Academia Brasileira de Letras, parece que todos, aliados e adversários, querem contribuir de alguma forma”.

Lula é um expert em campanha eleitoral. Ganhou duas eleições à Presidência, contra José Serra (PSDB), em 2002, e Geraldo Alckmin (então no PSDB), em 2006, e elegeu um poste do saias, a ex-presidente Dilma Rousseff, na sua sucessão, ao derrotar, novamente, o tucano Serra. Também tem experiência em perder eleições presidenciais, pois disputou em 1989, derrotado por Fernando Collor no segundo turno, e 1994 e 1998, para Fernando Henrique Cardoso, no primeiro turno.

Realmente, o petista sabe o que quer. Como lidera com folga, um “já ganhou” é inevitável, principalmente quando sai uma pesquisa na qual poderia levar a disputa de roldão já no primeiro turno. De certa forma, Kotscho critica esse oba-oba e manda um recado para os palpiteiros do PT: “Lembro-me como ele reagia, quando aliado assessor mais prestativo vinha-lhe falar, empolgado: ‘Chefe, tive uma boa ideia’. E ele desconversava: ‘Se a ideia é muito boa, guarda para você. Eu não preciso de ideias. Eu preciso de votos’”.

## Bate-boca

Toda campanha à Presidência é um embrião de governo, que se materializa após a vitória eleitoral. Um lugar no estado-maior eleitoral é um cargo cobiçadíssimo por assessores, correligionários e aliados. Amigo de Lula, Kotscho acompanha o líder petista desde as greves do ABC e conhece muito bem sua turma. Ao lado de Frei Betto, deixou a “cozinha” do Palácio do Planalto por não ter ganas de poder. Nos tempos em que era a fonte mais segura no governo, só tinha a concorrência do “anão que ficava debaixo da mesa” de Lula e vazava informações para a imprensa. Nunca disse quem era a figura.

Deixando a palha de lado, alguns temas que envolvem a campanha de Lula serão objeto de especulações no mundo político e empresarial, alimentadas pelos próprios petistas por meio da imprensa. Um deles é o vice na chapa, que realmente pode vir a ser o ex-governador Geraldo Alckmin. Outro, o verdadeiro papel do ex-ministro da Fazenda Guido Mantega na elaboração do programa de governo. Terceiro, a real influência do PT nas decisões, principalmente do ex-senador Aloizio Mercadante, atual presidente da Fundação Perseu Abramo, e da deputada Gleisi Hoffman (PR), presidente do PT.

São temas que têm muito a ver com a política de alianças de Lula, que alavancou seu favoritismo à esquerda e, agora, sinaliza que vai ampliá-las em direção ao centro. A polarização com Bolsonaro consolidou seu favoritismo até agora, seria natural o desejo de que o presidente da República venha realmente a ser o seu inimigo principal. Nesse sentido, quem mais ganharia com o bate-boca com Lula é Moro.